

“O que seria do cinema sem a literatura, e o que seria da ciência sem a poética mágica das palavras, das formas e fórmulas, que a tornam – de algum modo, a par da música e da dança – numa das linguagens de comunicação mais genuinamente universais?”

JORGE CASIMIRO
Avenida Carolina Michaelis, 33, 5º D
2795-053 Linda-a-Velha

jc@educom.pt

CIÊNCIAS, ARTE ANDAMENTOS

“As artes, as ciências, as próprias letras, são unidas por laços invisíveis que não se podem romper impunemente”.
Lavoisier

Se certas artes, como a fotografia e o cinema, devem claramente a sua existência e desenvolvimento à ciência e aos progressos tecnológicos, no caso da poesia, e da literatura em geral, essa ligação já não será porventura tão evidente. E, no entanto, o que seria do cinema sem a literatura, e o que seria da ciência sem a poética mágica das palavras, das formas e fórmulas, que a tornam - de algum modo, a par da música e da dança - numa das linguagens de comunicação mais genuinamente universais?

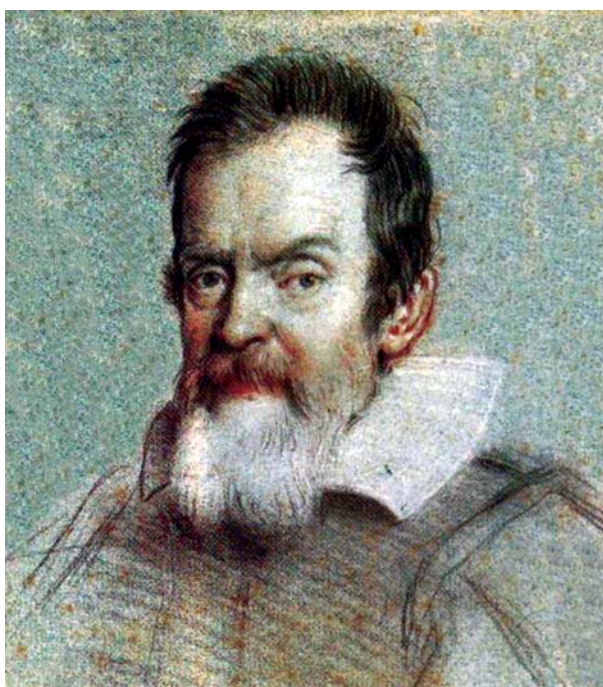
O binómio de Newton, as leis físicas que descrevem o movimento de queda dos graves são os mesmos aqui e na China. E, no entanto, "*O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo...*" - declarava o poeta deslumbrado, mas consciente de que nem todos tinham essa capacidade de percepção, essa limpeza de olhar que só a alguns permite valorar relações a outros invisíveis. As sensibilidades do cientista e do poeta por vezes aproximam-se tanto que nem eles próprios se dão conta dessa comunhão - calhando até a negam ou menosprezam.

Arte e ciência emanam de um impulso criativo comum. Quando muito, e com algumas reticências, poderemos talvez dizer que a primeira é apadrinhada pela inspiração; enquanto a segunda deverá mais à intuição – ambas não dispensando generosas doses de acaso e de paixão.

S E LETRAS: E INFRACÇÕES

RITMOS E HARMONIAS

Galileu Galilei ensinou-nos a arte de folhear o “Grande Livro da Natureza”, esse *best-seller* inesgotável que todos recebemos como herança, mais ou menos merecida, mais ou menos estimada. Esta assimilação simbólica da Natureza a um grande livro que se pode ler e interpretar é particularmente interessante e inspirada. Inspiradora, além do mais.



Galileu Galilei

Se de um romance sobrasse apenas um trecho de um capítulo, uma página, uma linha, uma frase, difícil ou impossível seria compreender-lhe a trama, o enredo; avaliar-lhe a riqueza das personagens. Se de um poema restassem apenas fragmentos desordenados de versos avulsos, como desfrutar-lhe o sabor do ritmo das palavras, fruir-lhe o malabarismo das inflexões fonéticas? Um verso solto, isolado, desinserido de qualquer estrofe conhecida, dificilmente será reconhecido como parte integrante de um poema; como parte integrante de uma harmonia mais alargada. Dificilmente será reconhecido como peça indispensável ao funcionamento/entendimento harmónico de um todo estético e emocional.

Do mesmo modo, se a Natureza se expressasse por fenómenos isolados e não repetidos, desinseridos de um contexto reconhecível; se um fenómeno se manifestasse uma vez única dentro do período de tempo que as memórias e registos são capazes de abarcar, esse acontecimento dificilmente seria "lido" ou identificado como "natural", resvalando rápida e perigosamente para as esferas do sobrenatural e/ou do miraculoso.

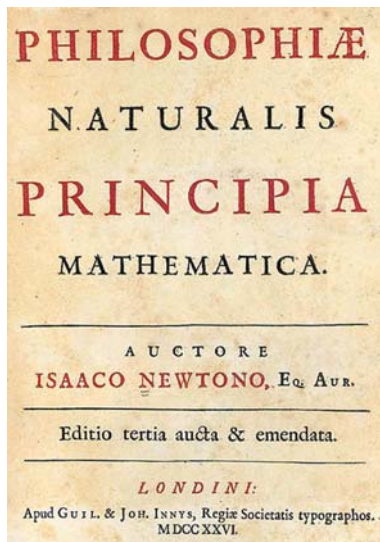
Mesmo o acaso tem a sua estrutura, a sua caprichosa obediência estatística. A sua própria sintaxe. A sua própria estética. A sua própria linguagem. A sua própria poética. Também a ciência tem a sua própria sintaxe, a sua própria linguagem processual e metodológica, os seus próprios objectivos. A ciência não é (nem pode pretender ser) uma descrição objectiva do mundo, mas tão-só uma tentativa de satisfazer as nossas necessidades de compreensão do mesmo. Como num imenso teatro de sombras, limitamo-nos a observar e (eventualmente) a medir impressões, rastros e sombras de seja lá o que for a "realidade", ou o fantasma residual da realidade. Os modelos físico-químicos não passam de aproximações melhores ou piores da "realidade" que pretendem descrever/interpretar.

O cientista é um caçador-recolector, mais ou menos bem sucedido, de repetições e padrões de regularidade. Só reconhecidos e identificados os ciclos e os ritmos do objecto de estudo, a sua ciência ganha forma, adquire consistência, cada vez mais enredada em leis capazes de "regulamentar", de reger, a cadência dessas pulsações da Natureza – mesmo que continue desconhecida a razão de ser dessa cadência, desse comportamento cíclico e previsível, ou as alternativas possíveis a essa "forma de estar". Em última análise, a ciência não explica. Dá-se frequentemente por satisfeita quando descreve e prevê. A mais não é obrigada. A mais, de facto, muitas vezes não consegue chegar. "*Os astros não se explicam / Arrefecem*" (António Gedeão). E normalmente não se atreve a propor vias alternativas, a conceber cenários ou realidades diversas – nem como mero exercício – porque isso a retiraria dos trilhos do mundo conhecido ("real"?), atirando-a para os duvidosos caminhos da ficção e da especulação filosófica. Aí, a arte é bem mais livre de ensaiar voos mais

soltos e descomprometidos. Ou quase... "Um pouco mais de fogo - e fora brasa, / Um pouco mais de azul - e fora além. / Para atingir, faltou-me o golpe de asa... / Se ao menos eu permanecesse alguém..." (Mário de Sá-Carneiro)

Se a ciência busca a compreensão do ainda não-compreendido, a poesia está frequentemente um passo além do racionalmente compreensível.

DA EXPLICAÇÃO DAS COISAS



Quando a física conclui que a força de atracção gravítica varia inversamente com o quadrado da distância entre os corpos, não nos explica por que razão varia com o inverso do quadrado da distância, e não com o inverso do cubo, ou de qualquer outra potência, de valor inteiro ou fraccionário. Tão-pouco responde à legítima curiosidade: "E terá sido sempre assim?" Dá-se por satisfeita a ciência porque a relação identificada lhe permite dar boa conta das interacções gravíticas entre corpos, longínquos ou próximos de nós, e lhe permite fazer boas previsões nesse domínio. E, quando se verifica que essa mesma relação se cumpre em campos de forças de natureza distinta da gravítica, o que se descobre são harmonias nos "caprichos" da Natureza. Natureza que está em irrequieto movimento pelo que o "Livro da Natureza" tem de estar em permanente revisão e actualização. Para lê-lo de uma forma mais nítida, mais susceptível de ser observada, descrita e interpretada, pode ser preciso "congelá-lo" em condições mais favoráveis à observação pretendida. "Congelar", ainda que momentaneamente, o objecto de análise pode ser, pois, uma necessidade estratégica. Depois, é ir metodicamente alternando descongelamentos com novos congelamentos, e ir verificando se as novas observações ainda corroboram, ou não, as conclusões anteriores.

PERTURBANTES PERTURBAÇÕES

É sabido que a observação científica de um fenómeno pode introduzir uma perturbação objectiva no sistema observado – e essa é uma verdade particularmente desconcertante no domínio do mundo quântico. Entretanto, num plano e contexto completamente distintos, não será menos verdade dizer-se que a leitura de um bom poema pode perturbar consideravelmente o leitor. Enfim, cada um perturba-se com o que pode...

Admirar uma obra de arte, ler um poema, podem ser experiências fortemente perturbadoras para o observador, para o leitor. Neste caso, o efeito da impressão produzida não é quantificável. É subjectivo; contudo apreciável – dependendo da qualidade intrínseca da obra, e do conhecimento, da cultura artística/literária, do espírito crítico, da sensibilidade, da emotividade, da capacidade de maravilhar-se do admirador/leitor em presença; a experiência do maravilhoso está íntima e indissociavelmente ligada ao misterioso, ao transcendente, ao que está para além do directa e estritamente perceptível: "...a mais bela experiência que podemos ter é a do misterioso. É esta a emoção fundamental que está na origem da verdadeira arte e da verdadeira ciência" (Albert Einstein).

MUDAR DE CORPO

Uma lei física pode ser expressa numa notação diferente, sem que isso altere a sua validade ou domínio de aplicação.

Por seu turno, a musicalidade das palavras muda quando estas mudam de idioma. Deste aspecto decorre a particular dificuldade de traduzir poesia. É algo comparável à tentativa de reproduzir um quadro recorrendo a uma paleta de cores e tonalidades diferentes das usadas no original. Ainda que o tema central permaneça reconhecível, o resultado – podendo ser melhor ou pior – será necessariamente diferente e afastou-se do sopro inspirador do momento da criação.

A transposição de um poema para outra língua aproxima-se de um processo reprodutivo/evolutivo. Se entregarmos um mesmo poema a vários tradutores, que o traduzam para o mesmo idioma, obteremos outros tantos poemas, subtilmente diferentes. Como as mutações de um organismo vivo. Se, entretanto, alguma dessas versões for de novo retrovertida para a língua original, por um tradutor que desconheça a matriz de partida, é pouco provável que a ela regresse integralmente, evidenciando já um certo grau de autonomização. Autonomização que não poderá, contudo, enjeitar fortes traços "genéticos" de aproximação ao seu "progenitor" - estilísticos, formais, rítmicos, de musicalidade, flexibilidade fonética, funcionamento linguístico, de significação e simbolismo.

BOAS VIBRAÇÕES

Fenómenos periódicos, como o movimento pendular ou a vibração de uma corda sob tensão, podem ser descritos por funções que apresentam uma simetria particular. Mas é sabido que a simetria não se revela só nos territórios clássicos da Física. A noção de simetria é transversal a todos os domínios da ciência, a todos os níveis da Natureza, manifestando-se desde as partículas elementares ao Universo no seu todo.



Quadro de Escher

O conceito de simetria (e assimetria) foi frequente ponto de partida e inspiração igualmente fecundo tanto para a ciência como para a arte. E, no entanto, paradoxalmente, é à custa de quebras de regularidade e de simetria, e de momentos de ruptura da "ordem" vigente, que se processam a criação e a evolução do Universo, da vida, da arte. Os grandes saltos da arte, da ciência, da escrita, do pensamento humano, têm subjacentes elementos de perturbação e crise. Ocorrem geralmente em momentos de ruptura, de quebra de estabilidade e simetria.

O Universo e a vida, tal como os conhecemos, são produto de sucessivas quebras de simetria, são resultado de sucessivas mudanças de rumo e de curso.

É à custa e ao ritmo de inesperados erros genéticos que se produzem mutações que levam espécies a desaguiarem noutras espécies. E, sem as subtis anomalias geradoras da diferenciação biológica, qualquer espécie viva convergirá para a sua inevitável extinção, vítima da falta de diversidade genética. A própria morte natural é, também ela, um processo de ruptura indispensável à renovação da vida.

Os modelos físico-químicos não passam de aproximações melhores ou piores da "realidade" que pretendem descre-

ver/interpretar. E as próprias equações que os configuram contêm em si as margens de erro necessárias às inevitáveis exceções que, ao fim e ao cabo, as confirmam e lhes permitem evoluir para formas mais abrangentes.

A poesia é a música mais sensível das palavras. Daí, estas duas artes andarem frequentemente de mãos dadas, num enamoramento inevitável e irreprímível.

A poesia, como a música, é a expressão sublime de um tempo desenhado a sons, silêncios, emoções e sensibilidades, numa convivência de ritmos, cadências, regularidades, mas também de quebras de ritmo, de cadência, de regularidade, em suma, de infracções. Quebras fundamentais de uma monotonia que as condenaria à inevitável esterilidade. Simetria e assimetria, ruptura e renovação, quebra e recomposição, identidade e complementaridade: conceitos que se confundem e diferenciam, aproximam e excluem mutuamente, numa estranha e emaranhada dinâmica comum à Natureza e à criação humana. Os progressos científicos influem, por vezes dramaticamente, nas temáticas da arte e, naturalmente, da filosofia, pelas "novidades" que trazem a palco.

Exemplo versátil é o do atomismo em afirmação no século XIX, que extravasa mais ou menos inconscientemente para a arte, assumindo aí variadas metamorfoses: é o pontilhismo na pintura, em que, por influência da teoria das cores complementares de Chevreul, a tinta passa a ser aplicada numa justaposição, mais ou menos densa, de pinceladas individualizadas de cores puras, passando do clássico contínuo plástico a uma distribuição discreta e estatística. São os experimentalismos cromáticos nas novas propostas musicais de Wagner. São os *flashes* de luz que, atravessando uma sucessão de fotogramas individuais, nos transmitem a impressão de movimento e continuidade.

Com o despontar do século XX, é a vez de a mecânica quântica vir acrescentar inesperadas formas de descontinuidade, indeterminação e acaso às entrelinhas do "Grande Livro da Natureza". Empréstimo um *quantum* de liberdade à grande engrenagem do mundo. Um *quantum* de liberdade a aproximar ainda mais a ciência da arte, da poesia; pelo que a arte e a poesia têm de inesperado, de surpreendente. De libertário.